

Márcia Almada

## A escrita iluminada



A aplicação de iluminuras, associada à caligrafia artística, na documentária característica da Minas setecentista, traduz a intenção de enobrecer esses papéis e capturar o leitor pela conjugação estilística de seus elementos gráficos.

> A percepção do leitor ultrapassa a compreensão do texto em si, seja ele manuscrito ou impresso.

A organização visual da mancha gráfica, o tipo de letra, o suporte da escrita e as ornamentações configuram um código visual que contribui para tornar a informação compreensível. Nos documentos adornados, a apresentação e a composição da escrita, mesclada a desenhos desenvolvidos a pena ou a pincel, tornam-se elemento de comunicação tanto quanto o texto escrito.

Entre os milhares de documentos encontrados no acervo do Arquivo Público Mineiro, alguns merecem destaque pelo impacto provocado nos sentidos: os livros de compromisso de irmandades mineiras, produzidos durante o século XVIII. São manuscritos com valor artístico, feitos em caligrafia elaborada, apresentando pinturas a têmpera e aplicações de folha de ouro nos frontispícios, capitulares e vinhetas. Capas revestidas com materiais nobres nos permitem identificar o valor referencial das cores para cada irmandade: o vermelho e o carmim para a do Santíssimo Sacramento; o verde para a de São Miguel e Almas; e o azul para a do Rosário, como pode ser observado nos exemplares que mantêm a capa original.

### Iluminação de manuscritos

A prática de adornar a escrita com caligrafia elaborada, grafismos feitos a pena e pinturas requintadas tinha como principal objetivo propiciar o prazer visual diante da página e a fluidez da leitura. A iluminação de manuscritos envolve o uso de metais brilhantes, que possibilita uma aparência reluzente, envolvente e sedutora. O emprego de ouro ou prata na pintura dos estatutos de irmandades mineiras durante o século XVIII dependia do valor disponível para ser investido pelos clientes na realização do serviço. Várias agremiações contratavam artistas renomados<sup>1</sup>, a exemplo de outros investimentos privados na execução de bens artísticos. O livro de compromisso

adornado era objeto de circulação restrita: somente os irmãos integrantes da Mesa Administrativa e as autoridades eclesiásticas responsáveis por sua aprovação tinham contato direto com ele.

Ainda assim, mesmo entre irmandades mais pobres, percebe-se a preocupação com o embelezamento do documento: organização visual da escrita, inserção de letras capitulares adornadas e uso de materiais de boa qualidade. Um dos casos que podem ser apontados é o do *Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos da Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itaubira*<sup>2</sup>. Realizada em 1744, a cópia do estatuto é feita em papel de boa qualidade, com pequenas capitulares pintadas de forma singela, obedecendo aos motivos mais usados à época. Embora a caligrafia não seja refinada, o escrivão procurou obedecer a uma ordem visual regular, mantendo espaçamentos amplos nas margens, propiciando uma organização límpida do texto.

### Origens

A tradição da arte de iluminar e decorar manuscritos inicia-se no período clássico e desenvolve-se plenamente durante o período medieval. Após o surgimento da tipografia, o livro manuscrito perde espaço como veículo de transmissão do conhecimento. Na Europa, permanece como prática voltada principalmente para a elaboração de obras sagradas. Na América portuguesa, com a proibição da imprensa, o manuscrito ainda mantém significativa importância. Dessa forma, os livros de compromisso, em sua natureza artística, devem ser analisados no contexto da Era Moderna, com todas as implicações resultantes da circulação de impressos.

Embora exista uma convergência entre as técnicas e materiais utilizados no período medieval e no moderno, as diferenças são marcantes. No século XVIII, a organização

visual das páginas aproxima-se da tipologia do impresso na escolha dos padrões de capitulares e na composição das páginas. Com a popularização da imprensa, ainda no século XVI, os textos passam a se organizar de modo mais simples para a facilitação da leitura, e as convenções estipuladas nos primeiros séculos da imprensa sobrevivem até hoje. Os títulos são compostos em letras grandes e formais; as iniciais em destaque (capitulares) distinguem o começo do texto, do capítulo ou da seção; as maiúsculas pequenas ou minúsculas maiores marcam a frase de abertura. Tais elementos tornaram-se frequentes com a expansão da estética tipográfica na composição do texto e podem ser percebidos na organização visual dos livros de compromisso de uma forma geral. O estatuto da *Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja Paroquial de Santo Antônio da Vila de São José*, realizado em 1722 (Figura 1), mantém essas características<sup>3</sup>. Na Era Moderna, o livro manuscrito apóia-se na linguagem visual do livro impresso.

### Referências estéticas

A densidade estética do barroco é observada no emprego excessivo de elementos decorativos e na escolha variada de letras para compor a página de rosto, recursos que provocam a sensação de movimentação e instabilidade na ordem geral das obras. Esse aspecto pode ser bem observado no frontispício do *Livro de Compromisso da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Freguesia de Nossa Senhora do Bom Sucesso de Caeté*<sup>4</sup>, produzido em 1745. O uso abundante de ouro e o acúmulo de ornamentos, cuja colocação – embora simétrica – nada ajuda a esclarecer, provoca um impacto visual que paralisa o observador pela confusão do olhar. A quantidade de figuras inseridas na página, entrelaçadas entre si e transformando-se em outras formas, cria uma dificuldade de síntese ao primeiro

olhar. É necessário decompor a construção visual, para então reconstruí-la a partir da percepção individual.

Na maioria das pinturas encontradas nos livros de compromisso, percebe-se a presença do repertório do barroco: conchas, rocalhas, mascarões, volutas, anjos e querubins. O panejamento das imagens pintadas faz referência às esculpidas; os motivos decorativos, como o mármore fingido e os guilhocês, estabelecem conexões com a talha das igrejas.

A interação do material visual produzida durante o setecentos mineiro com as gravuras impressas e os manuais de instrução, sejam eles de caráter artístico, lingüístico ou técnico, é facilitada pela difusão da imprensa e pode ser notada nos compromissos ornamentados. Um recurso para a decoração de frontispícios era a utilização de estampas impressas no centro da composição, ladeadas por inscrições a pena ou pintura a pincel, como no caso do *Livro de Compromisso da Irmandade da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso da Vila Nova da Rainha do Caeté*, de 1738 (Figura 2).<sup>5</sup> Neste frontispício, a gravura apresenta Nossa Senhora, segurando o menino Jesus próximo ao peito, em pé sobre uma peanha de dois patamares, onde um *putto* segura a meia lua invertida. A gravura é colorizada com as tonalidades azul, amarelo e vermelho e circundada por decoração com motivos fitomorfos, realizada a pena em linhas vermelhas e azuis.

### Manuais de letras

Vários manuais para o ensino das letras circularam nas Minas. Dentre eles, destaca-se a obra *Nova escola para aprender a ler, escrever e contar*, de Manoel de Andrade de Figueiredo, publicada em Lisboa, provavelmente em 1722.<sup>6</sup> O autor nasceu na Capitania do Espírito Santo, foi aluno da Companhia de Jesus e exerceu suas atividades de poeta, educador e calígrafo

na corte de Lisboa. Figueiredo publica sua obra com objetivo didático, destinando-a tanto a aprendizes quanto a escrivães experientes.

Segundo o próprio autor, sua obra é a primeira do gênero a ser editada em Portugal, suprimindo lacuna importante na difusão da caligrafia, da ortografia e da aritmética por meio de manuais em língua portuguesa. É dividida em quatro tratados: o primeiro ensina o idioma português, com o objetivo de ler e escrever perfeitamente; o segundo apresenta os diversos caracteres e tipos de letras que se usavam com frequência naquele momento; o terceiro fornece as regras da ortografia portuguesa; o quarto ensina as noções básicas de aritmética.

A obra voltava-se à propagação, de forma simples, do conhecimento acumulado pelo autor, bem como à difusão de preceitos e concepções de sua época. Utiliza estilo coloquial e de fácil acesso a qualquer leitor, fugindo da linguagem erudita. Suas observações são pautadas pelo domínio absoluto da prática da caligrafia e pelo manejo dos instrumentos e materiais respectivos. Por suas características, deve ter-se tornado obra muito difundida em seu tempo, fazendo-se circular por todo o reino de Portugal. No Brasil, são conhecidos exemplares na Biblioteca Nacional, na Biblioteca do Santuário do Caraça (Santa Bárbara, Minas Gerais) e no Gabinete Português de Leitura (Rio de Janeiro). Em Portugal, foi referência para obras posteriores, como *Nova Arte de Escrever*, de Antônio Jacinto de Araújo (1793), e *Regras Metódicas*, de Ventura da Silva (1803). Manoel de Figueiredo atingiu fama e reconhecimento, sendo seu nome lembrado por estudiosos de todas as áreas e épocas.

No manual *Nova escola para aprender a ler, escrever e contar*, são detalhadamente descritos os materiais e instrumentos para a boa caligrafia. Ao longo da obra, Manoel de Figueiredo discorre sobre as características dos suportes da escrita, fornece receitas de tintas e apresenta, em 46 gravuras a buril, exemplos de vinhetas

e cercaduras em florões, pássaros, animais, anjos e cavaleiros em desenhos figurativos ou caligráficos, compostos a partir do movimento da pena sobre o papel em riscos circulares entremeados (Figura 3). Além disso, fornece modelos de letras romanas, cursivas, grifas e antigas, ensinando como grafar cada uma, além de fornecer exercícios de caligrafia. Discorre sobre o uso de cada tipo de letra e sua função, de acordo com as características do documento. Apresenta quatro modelos diferentes de letras capitulares adornadas, das mais rebuscadas às mais simples.

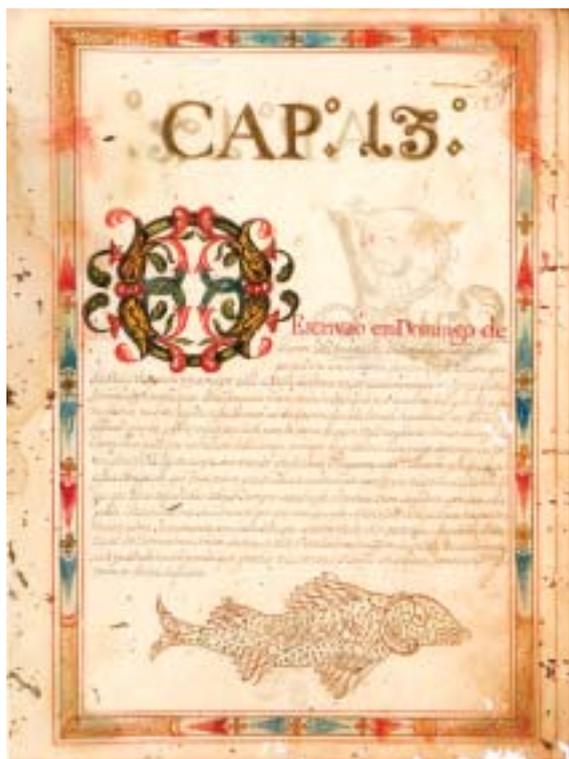
Esses modelos de capitulares foram largamente utilizados por calígrafos e pintores na elaboração dos livros de compromisso em Minas no século XVIII. No acervo do Arquivo Público Mineiro, dois exemplos podem ser citados como referência direta à obra de Manoel de Figueiredo. O primeiro é o *Livro de Compromisso da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Freguesia de Nossa Senhora do Bom Sucesso de Caeté*, de 1745, que utiliza, tanto na descrição do capítulo, quanto na letra inicial de cada página, capítular desenhada a pena, com tinta vermelha. Neste tipo de letra, o calígrafo parte do movimento da pena em um bailar sobre a folha, em curvas, contracurvas e linhas deslizantes, criando a forma desejada. Ao primeiro olhar, parece um traço contínuo, mas o artista às vezes pára, cria um novo ponto de partida e dá continuidade ao movimento das mãos. As formas são então arrematadas por fitas ou laços, unindo as linhas como em um buquê de flores. São mãos treinadas, que sabem o caminho a seguir.

#### Epígonos

O segundo exemplo é o *Compromisso da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Freguesia de Nossa Senhora do Pilar das Congonhas de Sabará*<sup>7</sup>, realizado em 1725. O artista apóia-se no exemplo fornecido por Manoel de Andrade de Figueiredo (Figura 4). As capitulares são



Iluminuras dos capítulos 11 e 12 do compromisso da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja de Nossa Senhora do Pilar das Congonhas de Sabará, 1725. Coleção Avulsos da Capitania – AVC 05, doc. 01. Arquivo Público Mineiro.



Iluminuras do capítulo 13 do compromisso da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja de Nossa Senhora do Pilar das Congonhas de Sabará, 1725. Coleção Avulsos da Capitania - AVC 05, doc 01. Arquivo Público Mineiro.

feitas a pincel, e o artista cria variadas combinações de cores ao longo da obra, sobre uma palheta reduzida em cores. Tal recurso promove a distinção entre as capitulares, decoradas com motivos fitomorfos e zoomorfos, mantendo fielmente a mesma estrutura ao longo do trabalho. A maneira de execução das letras iniciais traduz as formas apresentadas no modelo, com ramos que se contorcem em torno do caule e peso visual nos botões de flores em forma de cálice (Figura 5). Pela manutenção dos formatos e dimensões das capitulares, provavelmente o artista utilizou um molde a carvão ou a grafite, facilitando a repetição das formas essenciais da composição. Os detalhes são desenvolvidos livremente, gerando uma série de variações. O artista permitiu-se provocar pequenas modificações na estrutura

da letra, para adaptá-la ao *layout* da página. As modificações implantadas são próprias do repertório do artista, como a preferência pelos pássaros da família dos psitacídeos – maritacas, papagaios e araras.

No período barroco, cultivava-se a escrita como uma forma erudita de cultura, enquanto o desenho era uma possibilidade de comunicação para uma maioria de analfabetos textuais. A caligrafia está relacionada à imagem, em uma “não casual poética”<sup>8</sup> que envolve linhas escritas e imagens através das capitulares, da escolha dos inúmeros tipos de letras, do uso de vinhetas nos fins dos capítulos e na composição da estrutura geral da página através do planejamento da mancha gráfica e da inserção dos elementos decorativos.

### Calígrafos e pintores

Provavelmente, a decoração a ser executada no livro de compromisso passaria pela aprovação de um esquema executivo prévio – bem como a especificação sobre o uso de folhas metálicas e de determinados pigmentos mais raros, como o azul ultramar –, da mesma forma como acontecia com os contratos de execução de pintura em forros, escultura e talha<sup>9</sup>. As exigências do contratante poderiam ser um dos meios de propagação de um estilo comum entre as irmandades, que passariam a exigir a reprodução de modelos e padrões a partir de outros trabalhos já executados.

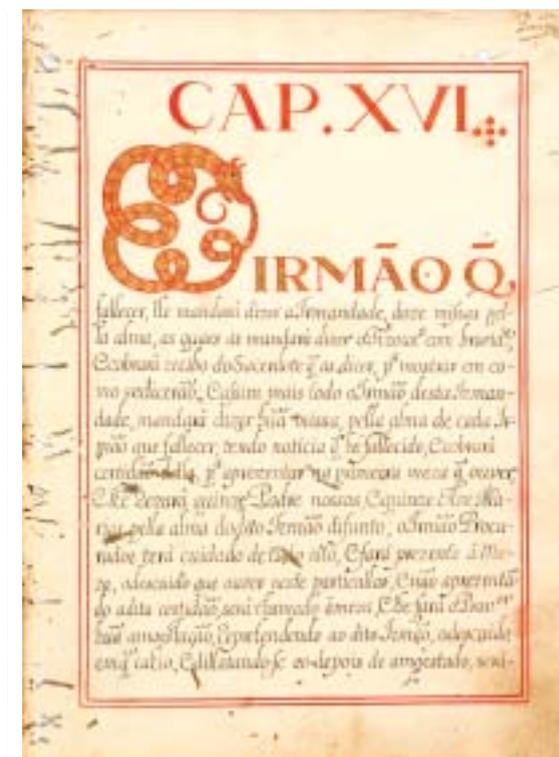
Apesar das especificidades de cada técnica ou suporte, era comum nas Minas, durante o setecentos, existirem artistas que fossem capazes de realizar inúmeras e diversas atividades no campo das artes. A designação “pintor” podia abranger desde o simples artifice, com a função de encarnar e estofar imagens, pintar bandeiras ou outros objetos, até os “peritos na arte da pintura”, especializados em policromar os forros das naves e capelas-mores dos templos<sup>10</sup>. Como as técnicas de

pintura e de aplicação das folhas metálicas sobre papel seguem as mesmas orientações da policromia de esculturas sacras, é provável que os artistas responsáveis pela iluminação de livros manuscritos fossem os mesmos ligados à pintura dos demais suportes, como a madeira e a tela.

Mas seria também o pintor mestre na arte da caligrafia, no manejo da pena para a execução dos motivos caligráficos? A atividade da pintura, considerada arte nobre, aproximava-se da escrita<sup>11</sup>. O ilustrador era pintor por excelência, mas poderia não ser habilitado na arte da caligrafia e, talvez, nem tivesse o domínio das letras. Já a decoração caligráfica consistia em atividade especializada do calígrafo/escrivão.

Um indício claro de que a escrita e a pintura eram executadas por diferentes profissionais é evidenciado na regularidade visual das folhas de rosto dos livros de compromisso. A simetria alcançada na decoração da página nem sempre era seguida e respeitada pelo calígrafo, quando o espaço do texto estava delimitado pela pintura. Palavras eram partidas sem manter sua integridade e os tamanhos das letras eram reduzidos à medida que o espaço para a escrita se tornava mais curto. Nesses casos, como resultado, criava-se uma dissonância visual entre a pintura e a escrita. Isso pode ser observado no *Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora da Apresentação de Vila Nova da Rainha do Caeté*, elaborado em 1738 (Figura 6).<sup>12</sup> Por outro lado, existem casos em que o mesmo artista tanto pode ter realizado os desenhos quanto caligrafado o texto<sup>13</sup>. De qualquer forma, quando o trabalho exigia a atuação de dois profissionais diferentes, a afinidade entre eles era fundamental para a unidade do sentido visual.

Outra característica do trabalho artístico na Minas setecentista consiste no trânsito regional e na variação ocupacional dos artistas, atendendo às demandas de



Letra capitular do capítulo XVI do compromisso da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja Paroquial de Santo Antônio da Vila de São José, 1722. Coleção Avulsos da Capitania - AVC 04, doc 01. Arquivo Público Mineiro.

trabalho e às próprias necessidades imediatas. Assim, podemos perceber que um mesmo artista prestava serviços a diversos contratantes em localidades diferentes e exercia atividades múltiplas. O autor da pintura no *Livro de Compromisso da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Freguesia de Nossa Senhora do Pilar das Congonhas de Sabará*, de 1725, por exemplo, dez anos mais tarde decorou o estatuto da *Irmandade de São Miguel e Almas da Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto*<sup>14</sup>. Não podemos afirmar, contudo, se os artistas executavam as obras em seu ateliê de origem ou na localidade do cliente. Nesse caso, poderiam até mesmo realizar outras obras paralelas. Também se deve destacar que partes de um mesmo compromisso poderiam ser encomendadas a



Frontispício do livro de compromisso da Irmandade da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso da Vila Nova da Rainha de Caeté, 1738. Coleção Avulsos da Capitania – AVC 03. Arquivo Público Mineiro.

mais de um artista, como o ocorrido com o estatuto da *Irmandade do Santíssimo Sacramento de Nossa Senhora do Bom Sucesso de Caeté*, de 1745, cuja página de rosto e miolo do livro foram realizados por artistas diferentes<sup>15</sup>.

#### Valor honorífico

As agremiações leigas tiveram papel fundamental na construção e na afirmação das diretrizes da nova ordem social durante o século XVIII em Minas Gerais. O primor técnico observado na confecção dos seus estatutos indica o valor honorífico desses documentos. O significado simbólico refere-se justamente ao ato de fundação<sup>16</sup> de uma entidade comunitária que permeava em muitos aspectos a regulação da vida urbana, do convívio social e das práticas religiosas, e esse significado manifesta-se também por meio da construção visual do documento.

Pode-se perceber, por meio da análise artística dos estatutos das irmandades, o compartilhamento de ideais pelos diversos grupos sociais. Não importa a origem de seus agregados, as organizações investiam no embelezamento de seus estatutos. A distinção da riqueza e da qualidade da ornamentação referia-se principalmente ao montante de recursos que a irmandade poderia dispor, independentemente do grupo ao qual estava vinculada.

Outro aspecto a se apontar é a confluência entre as funções sociais e religiosas das irmandades, identificada nos compromissos pela interação entre um texto de caráter regulador, de essência jurídica, e uma linguagem visual que privilegia a inserção de pinturas evocativas de sentimentos de devoção cristã (principalmente nos frontispícios). A ilustração

de manuscritos não é exclusividade dos livros de compromisso. Outros tipos de documento também apresentam ordem estética bem construída e adornada por elementos decorativos aplicados a pena ou a pincel, como os mapas, gráficos, diplomas, certidões e certas reproduções de obras impressas. Porém, nos estatutos de irmandades torna-se evidente a aproximação entre o temporal e o espiritual, materializada em texto e imagem.

O Arquivo Público Mineiro abriga, no Fundo Avulsos da Capitania, oito livros de compromisso de irmandades mineiras produzidos durante o século XVIII:

1. *Compromisso da Irmandade das Almas da Freguesia de Nossa Senhora do Bom Sucesso de Caeté*, 1713 – AVC 01;
2. *Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora da Apresentação da Freguesia de Nossa Senhora do Bom Sucesso da Vila Nova da Rainha do Caeté*, 1738 – AVC 02;
3. *Compromisso da Irmandade da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso da Vila Nova da Rainha do Caeté*, 1738 – AVC 03;
4. *Compromisso da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja Paroquial de Santo Antônio da Vila de São José*, 1722 – AVC 04, doc. 1;
5. *Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos da Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itaubira*, 1744 – AVC 04, doc. 2;
6. *Compromisso da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja de Nossa Senhora do Pilar das Congonhas de Sabará*, 1725 – AVC 05, doc. 1;
7. *Compromisso da Irmandade de Santo Antônio da Freguesia de Nossa Senhora do Bom Sucesso de Vila Nova da Rainha do Caeté*, 1738 – AVC 05, doc. 2;
8. *Compromisso da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja de Nossa Senhora do Bom Sucesso do Caeté*, 1745 – AVC 08.

## Notas |

1. Cf. CAMPOS, 2005b.

2. AVC 04, doc. 02.

3. AVC 04 doc. 01.

4. AVC 08.

5. AVC 03.

6. *Nova Escola para aprender a ler, escrever e contar*, oferecida à Augusta Magestade do Senhor Dom João V. Rey de Portugal. Primeira parte. Por Manoel de Andrade de Figueiredo, Mestre desta arte nas cidades de Lisboa Occidental, e Oriental. Não há data na página de rosto da obra. As licenças do Santo Ofício, do Ordinário e do Paço são de 1719 e de 1722.

7. AVC 05, doc.1.

8. ÁVILA, 2001, p. 227-228.

9. Cf. contratos estabelecidos entre Ataíde e a ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Ouro Preto para pintura de seis altares. CAMPOS, 2005a, p. 187; e ARAÚJO, 2003.

10. ARAÚJO, 2003, p. 88-89 e 124

11. COELHO, 2005, p. 233.

12. AVC 02.

13. Adalgisa Arantes Campos supõe que Ataíde tenha ilustrado e caligrafado o *Livro de Compromisso da Irmandade Nossa Senhora da Lapa de Antônio Pereira*. Cf. CAMPOS, 2005b.

14. ALMADA, 2006, p. 140-142.

15. *Ibidem*, p. 112-116 e 143-146.

16. Devemos incluir nesse grupo as reformas de estatutos.

## Referências

ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. São Paulo: Fapesp, 1999.

AGUIAR, Marcos M. de. *Negras Minas Gerais: uma história da diáspora africana no Brasil Colonial*. 1999. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

ALMADA, Márcia. *Livros manuscritos iluminados na era moderna: compromissos de irmandades mineiras*. 2006. 169 f. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

ARAÚJO, Jeaneth Xavier. *Para a decência do culto de Deus: artes e ofícios na Vila Rica setecentista*. 2003. 154 f. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

ÁVILA, Cristina Corrêa de Araujo. *A palavra no espelho: o discurso parenético e o discurso visual no barroco mineiro*. 2001. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

BOSCHI, Caio César. *Os leigos e o poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Ática, 1986.

BRINGHURST, Robert. *Elementos do estilo tipográfico. Versão 3.0*. São Paulo: Cosac & Naif, 2005.

CAMPOS, Adalgisa Arantes (Org.). *Manoel da Costa Ataíde: aspectos históricos, estilísticos, iconográficos e técnicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 2005a.

\_\_\_\_\_. *Manoel da Costa Ataíde e a ilustração de livros confrariais*. In: COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 25., 2005b, Belo Horizonte, *Anais ...*. Manuscrito. 9 p.

COELHO, Beatriz (Org.). *Devoção e arte: imaginária religiosa em Minas Gerais*. São Paulo: Edusp, 2005.

FIGUEIREDO, Manoel de Andrade. *Nova escola para aprender a ler, escrever e contar*. Oferecida à Augusta Magestade do Senhor Dom João V. Rey de Portugal. Primeira Parte. Lisboa Occidental, na Officina de Bernardo da Costa de Carvalho, Impressor do Serenissimo Senhor Infante (1722). [on line]. Lisboa, jan. 2005. Disponível em <[http://purl.pt/107/index-HTML/M\\_index.htm](http://purl.pt/107/index-HTML/M_index.htm)>.

**Márcia Almada** é historiadora e diretora de Conservação e Restauração da Superintendência de Museus da Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, especialista em Planejamento e Gestão Cultural, mestranda em História Social da Cultura na Universidade Federal de Minas Gerais.